

DESENVOLVIMENTO

Economia - Brasil

Aplicação de 17,7% do PIB no primeiro semestre mostra confiança dos empresários no futuro da economia e reduz pressão sobre a Selic

Investimento alivia juros

EDNA SIMÃO E
VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A taxa de investimentos do país atingiu 17,7% do Produto Interno Bruto (PIB) no primeiro semestre deste ano, um forte indicador de confiança no futuro da economia. É o maior patamar da série histórica para o período desde 2000, conforme levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A taxa foi puxada pelo incremento de 13,8% nos investimentos, a chamada Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF), no segundo trimestre, a maior expansão em três anos. "Investimentos em alta indicam que os empresários acreditam que podem aumentar a produção, pois terão para quem vender no futuro. Trata-se de uma das melhores notícias do PIB", disse Claudia Oshiro, economista da Consultoria Tendências.

Segundo Francisco Pessoa Faria, economista da LCA Consultores, o aumento dos investimentos trouxe ainda outra importante leitura: a redução das pressões sobre a política de juros conduzida pelo Banco Central (BC). Havia, entre os especialistas e mesmo dentro do governo, o temor de que o Brasil estivesse vivendo uma indesejável "inflação de demanda", ou seja, consumo superaquecido e uma possível incapacidade da indústria de abastecer o mercado. "Mas não é isso o que estamos vendo. Os investimentos estão crescendo muito acima do consumo. E isso indica que há espaço para os investimentos maturarem, sem escassez de produtos", acrescentou José Ronaldo Souza Júnior, economista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Sendo assim, o economista-chefe do Banco ABC Brasil, Luís Otávio de Souza Leal, acredita que se abriu um importante espaço para pelo menos mais um cor-

te da taxa básica de juros (Selic) na reunião de outubro do Comitê de Política Monetária (Copom). "É possível apostar em uma redução de 0,25 ponto percentual da Selic, com ela fechando o ano em 11%", destacou. Na avaliação de Carlos Thadeu de Freitas Gomes, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), se não garantiu mais um corte da Selic, o salto dos investimentos produtivos afastou qualquer possibilidade de o Copom ser obrigado a elevar os juros em 2008 para conter a alta da inflação.

PAC encalhado

Gerente de Contas Trimestrais do IBGE, Rebeca Palis disse que os segmentos que mais têm ampliado os investimentos são a construção civil, o petroquímico, o de materiais elétricos e o de máquinas e equipamentos — esse último, incrementado pelas importações. Mas, apesar do desempenho positivo da economia, o pre-

sidente da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq), Luiz Aubert Neto, ressaltou que o Brasil ainda está muito aquém do que ocorre nos outros países. "O crescimento do segundo trimestre, de 5,4%, foi um fator positivo para o setor produtivo. Mas se não tivermos uma política industrial clara, o Brasil continuará sendo o país do futuro. Os investimentos vão se desacelerar", reclamou.

Para o presidente da Associação Brasileira de Infra-Estrutura de Base (Abdib), Paulo Godoy, a maior ameaça aos investimento e o aumento do PIB daqui por diante será a deficiência da infra-estrutura do país. No entender do presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), Paulo Safady Simão, "a construção civil só não avançou mais porque o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), voltado para a infra-estrutura, ainda não deslanhou".